

Linhas Abertas 01 - Reescrevendo a Rua

O topo também é louco, aqueles tijolo vermelho ali também puta merda.

- Tanto a pastilha como... aquele concreto ali sem pintar é...

- Lugar que vai ficar pra sempre, né?

- Essa verticalização aqui de São Paulo ela se deu início nos anos vinte

- São Paulo é uma cidade que foi construída para especulação imobiliária.

- Uma cidade que é construída para poucos na realidade, não são pras massas entendeu?

- Esse é o sonho de consumo da galera, edifício Italia. Olha esse prédio, é um símbolo da cidade, um dos símbolos, né?

- Aqui no centro tem esse lance. O pixo acaba identificando os lugares que estão abandonado, né? Então eu já ouvi pessoas dos movimentos sociais de ocupação falando que identificam quando um prédio está vazio por conta dos pixos, né?

- Então isso virou uma parceria meio que simbólica, né? Tipo onde tem ocupação tem pixação e vise e versa tá ligado. Da hora.

- É aquela, aquela... isso o que vocês fizeram ficou bom, só a dificuldade...

- Ela tem que achatar a altura daria para fazer assim mas a tendência da pessoa é ela ler tipo

- A não ser que seja aquela coisa o branco o preto branco

- O meio ocupação de preto ou ocupação de branco! (não ocupação de branco)

branco né por que vai ficar para fora. Ta pra fora né? Um sub preto

- Branco preto e branco? É! Preto branco e preto

- Olha galera só vou pedir para... Que agora vai baixar o santo e vocês tem que deixar o bagulho livre, se não...

- Se você ver aqui é uma galeria de arte né? Tem vários artistas que já vieram aqui, essa ocupação tem sete anos já!

A FLM de um tempo pra cá, ela não considera a ocupação como uma ocupação só de moradia, ela sempre coloca saúde educação cultura junto com a moradia. Entao sempre artistas são chamados, educadores, sociólogos para ajudar nesses momento de luta, para se barrar a reintegração. Ai eu como faço parte da Casa da Lapa também, chamei a casa da lapa e outros amigos, pessoal do aparelhamento para vir ajudar nesse processo, né?

- A partir do que se começou a fazer a cultura dentro do espaço do centro cultural, muitas pessoas vieram junto, veio artistas da periferia, veio artistas de sarau, veio fotógrafos, a mídia começou a olhar com outros olhos os ocupantes do prédio, os próprios moradores quando viram as suas crianças no espaço da biblioteca lendo livros, lendo as poesias no sarau, disseram puta que isso! É por aí o caminho, vamos apoiar a cultura e a partir que os moradores começaram apoiar a cultura, a cultura também começou a apoiar o movimento de moradia aí se fez a troca, entendeu?

- Que levou muita coisa de dentro para fora, como estamos aqui e não queremos só ocupar, não somos invasores, nós queremos moradias, nos queremos cultura, queremos educação e queremos ter direito a cidade.

-- Tiveram várias fases, no começo a casa da lapa era um espaço que a gente dividia, e até chegar um momento que a gente falou meu a gente tem que fazer um trabalho nosso juntar todas as nossas forças aí e pensar em algo que todos que são da casa fossem contemplados

e aí a gente começou a fazer trabalhos coletivos mesmo de criação da casa da lapa conceitual...

- Aqui também é... é diferente de impressão fotográfica

- Um termo que a gente usa muito hoje é essa coisa do encontro, a gente fala até em tecnologia do encontro, tecnologia do encontro. Então eu acho assim, que nesse sentido essa relação de você ir pra rua e tratar o outro com respeito e se interessar de verdade, de ver... Me fala de você, como é que é essa sua vida e tal? Isso me mudou muito, a arte de rua não existe para embelezar a cidade, não é esse interesse da arte de rua, ela existe para criar essa relação, é você estabelecer relações no espaço público.

- O que a gente vai fazer hoje é a primeira etapa de um trabalho que já teve vários nomes na verdade mais que inicialmente a gente chamava de os fotógrafos do bairro, a ideia é que a pessoa se sinta a vontade de se colocar naquele espaço que é um fundo neutro, né, por que se tem um destaque da pessoa e não exatamente das condições em que ela está colocada e se coloca do jeito que ela quiser, como ela gostaria de se ver. Tem que ser um processo voluntário e que ela goste do resultado, entendeu?.

- O que hoje eu chamam de direito à cidade é o que a gente já fazia a muito tempo atrás, que é esse espaço que precisa ser preservado, que é o espaço público, é um espaço de encontro, é o espaço de reconhecimento do outro, é o espaço que você reconhecendo o outro você reduz os preconceitos, se reduz os racismos, se reduz todos esses problemas sociais, por que você tem a possibilidade do encontro com o outro.

- Que hoje eu acho que ta sofrendo uma criminalização da presença no espaço público, existe essa criminalização que eu acho que é um plano mesmo governamental, por que você tirando as pessoas da rua, você tirando essa possibilidade de convivência você não cria mais grupos que pensam da mesma forma, você separa essas pessoas que pensam da mesma forma que podem ter uma visão crítica do que acontece na sociedade, então cada vez é mais patente que a gente precisa tá na rua e é isso que cada vez a gente faz mais. Por que é um lugar de combate mesmo, há muita coisa, é um lugar de embate cara.

- A gente vem de uma história que nos coloca como seres acima de outros que isso não existe quando você vai pra rua, se entende que isso não existe, entendeu? Então é, puta, é transformador você está na rua, é muito transformador, entendeu? Você vai entendendo os seus pecados internos sabe, os seus erros internos de construção, que a melhor coisa é você se refazer como ser humano? Acho que não existe...

- O pixo é uma das intervenções urbanas mais interessantes que acontece na cidade por que ela usa a cidade toda como suporte né? Sem restrições. Então, não é uma coisa que fica aprisionada em lugar nenhum né, tipo a gente tem a cidade toda para se apropriar.

- Aqui é um ponto estratégico da cidade né, tem o metrô, tem o terminal bandeira, só que acabou rolando uma repressão aqui no final dos anos noventa, e tiraram nós daqui, mas foi quase uma década ocupando essa casa aqui como ponto de encontro.

Eu acho que a grande vitrine é o centro da cidade né? E sempre vai ser, mais qualquer avenida, qualquer lugar aí a pixação está sempre sendo vista, sempre alguém vai ver, então não tem rolê perdido aqui em São Paulo. Por que assim, quando a gente vai pichar um lugar, minha intenção é completamente artística, por mais inconsciente que seja, tá ligado? Por que a gente tá vendo aquele lugar como um suporte então a gente tem toda essa questão arquitetônica, de compor o pixo com a arquitetura daquele lugar e existe um padrão estético de beleza também no pixo que ele é alcançado com anos de dedicação, entendeu?

Eu comecei a pixar em noventa e seis, tive meu auge ali nas ruas entre noventa e oito e dois mil e quatro, este foi o período que eu me consagrei como pixador dentro do movimento pela minha ação nas ruas.

Eu fui pioneiro na documentação do pixo, comecei a fazer os vídeos, já que o pixo é um movimento de memória quando a gente teve essa oportunidade de criar essa documentação audiovisual, foi muito importante um trabalho que tinha muita credibilidade no movimento que todo mundo queria participar, isso era bem legal.

O legal também é que assim, o que eu notei pesquisando pixe pelo brasil, que eu viajei, conheci esses lugares é que o Xarpi carioca, ele influenciou com força o nordeste.

No brasil tem esse potencial estético da pixação é gigantesco por que cada estado acaba criando o seu próprio estilo, já o pixo reto influenciou com força o sul e o sudeste, e o legal de chegar em cada cidade é que você vê que o pixo tem a ver com a estética da cidade, eu acho que a pixação é a identidade visual mais característica da cidade, entendeu?

- Cada um tem uma motivação mais no final das coisas tá todo mundo pichando pelo mesmo motivo, que é ser visto e ser lembrado, entendeu? É não deixar sua história passar em branco. E no pixo o cara encontra isso, ele consegue sair desse anonimato ao mesmo tempo ele é um anônimo pra sociedade, por que o pixador pichar a cidade mas ele nao quer ser visto, ele nao quer ser pego, não quer ser notado. Mas ao mesmo tempo ele ta sendo reconhecido por determinada tribo que faz parte desse movimento, então, eu vejo a pichação é meio como uma sociedade alternativa que criou os seus próprios meios de reconhecimento e memória, né?

- Nas ruas eu sou conhecido como "Cripta Djan", né? Cripta é o nome do grupo que eu faço parte, e eu assino no final como "DJ", muitos caras até me chamam de "DJ".

Um, dois, três, quatro, cinco, seis.

- Essa praça está fechada cercada a quinze anos, a uma semana que a gente carpiu, fizemos um mutirão de limpeza saíram três carros aqui da limpeza

- Vamos montar a mesinha ali....

Nunca se sabe... Está la ja aberto (outras vezes) a gente abre as fotos por ali

- Muito morador no início estava achando que era ocupação de moradia, que a gente ia construir barraco, não! A ideia é a gente num trabalho numa ação coletiva com os

envolvidos, com moradores, comerciantes, a gente requalificar a nossa praça revitalizar restaurar.

Essa galera é sua ?

- Não é minha, ninguém é de ninguém aqui, ninguém é de ninguém. (Oi gente) a galera do Sato, gente!

- Acho que tem uma diferença enorme entre ocupar uma praça e ocupar um prédio. A diferença é que a gestão da praça é mais complicada, você pra dar vida a um lugar que ficou tanto tempo fechado e ficou marcado como um lugar assim, que era... "um não lugar" é. No primeiro dia foi incrível assim, por que vieram os sindicatos aqui dos prédios ao redor, vieram alguns comerciantes, vieram uma molecada que usava esse lugar, aí todo mundo se mobilizou e foi assim, três dias que foi uma amostra do que pode ser essa praça, sabe?

- Hoje as crianças vem e brincam, na hora de ir embora choram querendo ficar mais, e isso é gratificante para o movimento. Aí tomamos a iniciativa junto com a coordenadora geral que é a dona Carmen para manter a praça para todos, em vez de um lugar fechado que seja um lugar aberto e limpo para as pessoas, os idosos venham passar uma tarde, os adolescente venham brincar. Não ser mais um ponto disso ou um ponto daquilo.

- Essa galera do movimento de moradia tem muita força, né tio? E aí você olha que tem um conjunto muito interessante, por mais que o Zeca busque não ter um rótulo né, jogar esse fundo branco e tudo, existe uma comunidade aqui né, nesse registro, dessa galera.

- Olha essa foto, olha o poder que tem esse cara, "aguerrido" mesmo, é uma causa muito maior do que só o cotidiano dele assim, né?

- Trabalho aqui na lanchonete de frente, pertinho, passei aqui vocês me chamaram para tirar a foto, tirei a foto e estou recebendo de vocês. Eu achei uma coisa bacana né, vocês pedirem para tirar a foto, eu tirei e receber hoje, achei legal devolver a foto.

- Eu nasci na Bahia e já moro aqui em São Paulo a dezoito anos, e fiquei quinze anos em Franco da rocha, vim para São Paulo, fui inserida no movimento e já estou aqui a um ano. Eu não imaginei que o trabalho ia ser esse, eu vi no whatsapp e falei, "vou lá me ver". (Que legal). Achei super legal.

- Vão colocar mais.

- E a mãe coruja né, antes de a filha pega eu vou levar.

- Meu nome é Francisco Helder Braga Fernandes eu tenho um barzinho aqui na nove de julho, eu estava tomando um cafezinho ali, o rapaz passou pedindo para tirar uma foto, eu nunca nego foto para ninguém, aí o rapaz me convidou eu vim e tirei umas fotos com o rapaz, aqui.

- Me chamam de Bin Laden, é só chegar no bar do Bin Laden e tomar uma gelada. (vozes...)

- Joia, joia, joia, joia, joia... Obrigado, obrigado, obrigado.

- Sucesso para nós todos, hein!

- Eles retrataram a realidade tirando foto e expondo a imagem deles, que muitas vezes as pessoas que vivem na rua nunca tirou uma foto, nunca mexeu em um celular, nada, está muito atrasado. Eles mostraram que eles estão vivos.

Tem uma fita que quando se escala um prédio, véi! Você mete outro nome lá, você troca o cartório, tá ligado? A escritura do cara já não vale mais, a escritura que vale é quem tá na rua, e é pra mim o role que mais agride é esse, o cara chegar e falar “puta perdi meu patrimônio”, o role é outro, tomaram conta.

- É nada, ele se preocupa mesmo com a estética, se está tudo bonitinha a cor.

- Eu acho que ele se preocupa por que é uma coisa que eles não quiseram, entendeu?

- Eu trabalho, não vim de uma família que tem uma condição boa, quando que eu ia ter uma oportunidade de ver o centro lá do topo do prédio, só pichando mesmo, escalando janela, entrando para dentro, quebrando porta. É só assim...

- É um lugar que não é para chegar, e você chega!

- É uma discussão do espaço público, cara! É discussão quando vocês fazem uma parada no prédio de especulação imobiliária, bicho! Os caras tiram todo mundo da onde moram, entendeu? Te jogam lá para fundão, entendeu? E é assim a gente trabalha com arte e com várias linguagens e o pixo é uma das linguagens que a gente chama (chama junto).

- O oitavo batalhão, que eu não sei se você conhece, pinguim e tal... A turma quarenta e quatro, “Manolo” o pessoal que é das antigas, a gente trabalha junto fazendo trabalhos, é linguagem, tem que entender isso como uma coisa que já existe mesmo e entender em vez de ficar criminalizando e querendo tirar, mas é esse governo velho, tá querendo tirar tudo que é discussão pública na rua.

- É por que incomoda muito e eles querem isso, querem fama, querem ibope nisso daí...

- Querem o controle, querem o poder.

- É então, em vez de ir investir em uma saúde na educação, para eles é mais fácil, investir em criminalizar o pichador chamar ele de ladrão.

- A gente é uma família, família Cripta, já tem vinte anos de estrada. Cada pixo tem uma grife, e nem todos tem grife, mas a maioria tem uma grife, que a gente chama. E o Cripta faz parte dos Mais Forte, do Círculo Cicioso e Zona Proibida.

- Eu fazia uma outra pixação antes, eu fazia Zona Proibida que o Cripta também faz, que é a família do Cripta também. Eu conheci o Djan, que chegou para mim e ofereceu o Cripta. Falou se eu tinha potencial, se eu tenho vontade mesmo de fazer, aí, na hora eu abracei por causa que é uma família que eu já via desde criança, eu já via a pixação cripta, já vi documentários e já via na rua também.

- A questão coletiva existe os grupos e as uniões de grupos, né? Você entra em um grupo ele tem um nome, ele tem um padrão de letra que foi desenvolvido pelos caras que inventaram. Então você tem que manter aquela tradição.

- A gente se organiza coletivamente e faz o movimento acontecer independente da repressão do preconceito da demonização, é um movimento que ele está ali, ele está coeso,

ele não vai se desfazer, entendeu? Podem vir campanhas, pode vir repreensão, mas não adianta, o pixo não vai morrer, tá ligado? Ele é um resistência por si só

- O point é um lugar muito importante para São Paulo, para a pixação, onde você vai fazer seu pixo e todas as quebradas vão ver por que elas transitam por ali. E reúne a galera, você pode estar divulgando os seus roles, fazendo as folhinhas que são documentos históricos da pichação. A folhinha, ela... se você for ver ela ultrapassa o tempo e o espaço, por que a pichação vai ser apagada, você não tem controle sobre o muro que você vai pixar, agora a folhinha a pessoa que receber vai guardar com todo carinho.

- Vai da interpretação de cada um, eu sou responsável pelo o que eu falo, não pela forma que as pessoas interpretam. Nos encontramos agora aqui no movimento do point do centro de São Paulo, aqui é o coração da pichação. Tem o point da vergueiro, tem o point do Anhangabaú, teve o point lá que a gente puxou o bonde lá no Trianon MASP, que rolou um tempo e depois saiu fora do ar...

- Vou encontrar um amigo meu, que a gente já se conhece mais ou menos um ano e meio. Nós nos conhecemos através da pichação, a pichação uniu as nossas duas pessoa. É mais da hora você fazer a pixação com um parceiro que você conhece, por causa que você já tem confiança nele, porque a gente hoje vai jogar um ou outro do prédio.

- O que você pretende fazer ?

- Tem uma vertical ali para fazer, aquela lá que você planejou? É, vamo que vamo, sem miséria, arriscar tudo.

- Então hoje a gente vai estar fazendo uma transgressão no prédio, tem uns furinho no prédio, chama prédio vazado, a gente vai fazer vertical. A escalada é o auge da pichação que é a modalidade mais difícil que tem, tem de tomar cuidado e tem que saber o que está fazendo, mesmo.

A diferença da visão de um pixador para uma pessoa que não pixa, na minha opinião é que a pessoa passa despercebido de um prédio, de fachada, entendeu? Eu, pichador ando observando as marquises, janela, como será a vista de lá de cima, como que deve ser? Deve ser muito louco ver a cidade de lá de cima.

- Na realidade a pichação, ela só tem compromisso de respeitar o que está na rua de forma transgressiva, se uma intervenção foi feita de forma transgressiva a gente tem essa questão ética de respeitar, pode ser o que for. Tá ali na rua o cara se apropriou, ele se arriscou, o peixe não respeita nada que é privado. O pixo é inimigo número um da propriedade privada

- Se a gente está aberto a entender o outro, tudo vem, tudo que está no outro vem. Ao mesmo tempo que se você está uma região onde uma situação é precária, essa precariedade entra em você também, mas é uma opção nossa, uma opção minha estar nesse lugar por exemplo. Não somos heróis de nada, acho que heróis são esses caras que conseguem viver dessa forma e tal, então esse sentimento a gente tem que ter muito

cuidado, entendeu? Quando a gente está ali, a gente não está ali para resolver nenhum problema, a gente está ali para criar essa relação entre as pessoas, que é uma relação que já existiria se não fossem tantos problemas sociais que existem , na verdade a gente só está recolocando no lugar uma coisa que deveria existir, que isso, convivência, vizinhança pertencimento, é isso!